

## De quimeras e viajantes: práticas do deslocamento na ficção contemporânea

Profa. Dra. Claudete Daflon<sup>i</sup> (UFF)

### Resumo:

*Para James Clifford, práticas de deslocamento são constitutivas dos significados culturais e, portanto, não representam simplesmente a possibilidade de difusão ou transferência de cultura. A viagem pode ser assim compreendida também como um “lugar”. A reflexão contemporânea sobre os deslocamentos, as fronteiras e a constituição do sujeito tem, por sua vez, ocupado importante espaço na produção ficcional, seja literária ou cinematográfica. E, nesse sentido, tem contribuído para o entendimento desses deslocamentos enquanto “localização humana”, à maneira do que propõe Clifford. Esse é o caso de obras como o romance O filho da mãe (2009), de Bernardo Carvalho, e o longa-metragem Incêndios (Incendies, 2010), do diretor Denis Villeneuve.*

**Palavras-chave:** viagem, hibridismo, ficção contemporânea, literatura, cinema.

### 1 Introdução

Em **Teoria da viagem**, publicado originalmente em 2007, Michel Onfray discute a viagem como expiação. Considera que há dois modos de ser no mundo: nômade ou sedentário. Opõe assim o cosmopolitismo do viajante nômade ao nacionalismo do camponês sedentário. Entende, porém, que o nomadismo inquieta os poderes porque “é o incontrollável, o elétron livre impossível de seguir, de fixar, de designar” (ONFRAY, 2009: p. 11). Aponta ainda a origem bíblica dessa relação dicotômica que aparece encarnada no conflito entre os irmãos Abel e Caim: “Deus amaldiçoa Caim e, como punição, o condena a vagar, a errar. Gênese da errância: a maldição; genealogia da eterna viagem: a expiação” (ONFRAY, 2009: p. 11-12). Assim, na visão do autor, o viajante pertence à raça de Caim, é um amaldiçoado. Afinal, essa condenação está diretamente relacionada ao erro, o pecado. E esse sentido perdura: “O capitalismo atual condena do mesmo modo à errância, à ausência de domicílio ou ao desemprego os indivíduos que rejeita e amaldiçoa” (ONFRAY, 2009: p. 13).

Da mesma forma, o trânsito e a errância aparecem recorrentemente representados como fenômenos pós-modernos caracterizados pelo desenraizamento, estigma do homem contemporâneo desbussolado. É comum, nessa perspectiva, estabelecer-se um binarismo, segundo o qual viajar aparece claramente dissociado da noção de pertencimento. Em **Amor sem escalas** (*Up in the air*), filme de Jason Reitman (2009), a trajetória de um personagem – Ryan Bingham – cuja vida cabe numa mala também é a constatação da circunstancialidade de suas relações e de sua contundente solidão. O trânsito é sua morada. Em seu apartamento, onde pouco fica, não há nada que permita a sensação de acolhimento, graças à franca impessoalidade de um espaço que não parece absolutamente se diferenciar da padronização dos aeroportos pelos quais o protagonista circula. Diante disso, o próprio entendimento do que seria a casa é colocado em questão. A tentativa frustrada de Ryan de estabelecer relações que superassem a fugacidade e a superficialidade de seu cotidiano termina por levar a crer que para ele só existe lugar mesmo no trânsito permanente.

Sob essa perspectiva, tende-se, de um modo geral, a instituir-se uma polarização entre trânsito e enraizamento que atribui à condição viajante o sentido negativo que Onfray já havia apontado. No entanto, é possível compreender essa discussão a partir de viés diferente, como propõe James Clifford. Para o autor, práticas de deslocamento são constitutivas dos significados culturais e,

portanto, não representam simplesmente a possibilidade de difusão ou transferência de cultura. A viagem pode ser assim compreendida também como um lugar ou uma **localização humana** (*human location*).

## 2 Viagem como localização humana

James Clifford, no prólogo aos ensaios publicados no livro *Routes* (Rotas), de 1997, afirma que o ensaio autobiográfico “*The Imam and the Indian*”<sup>1</sup>, de Amitav Ghosh, de 1986, funcionaria como uma parábola para várias questões com as quais buscou lidar em seus textos. O texto do escritor indiano trata do encontro entre um pesquisador de campo e os habitantes de uma aldeia egípcia. Em seu relato, Ghosh diz que esperava encontrar uma população enraizada, mas surpreendeu-se ao verificar que os habitantes da aldeia tinham a inquietação comum aos passageiros que transitam pelo saguão do aeroporto. No entanto, como assinala Clifford, o que poderia parecer, a princípio, expressão de pós-modernidade – uma população marcada pelo trânsito –, na verdade, constituía uma tradição existente há gerações. Os ancestrais já haviam viajado e migrado por várias razões, por causa de guerras ou em busca de trabalho e dinheiro ou apenas porque estavam cansados de morar no mesmo lugar (CLIFFORD, 1997).

Sem dúvida, a expectativa criada por Ghosh é reveladora de uma visão corrente sobre cultura e que mantém estreita relação com uma tradição etnográfica. Diante disso, a situação inesperada – o trânsito como tradição – coloca o pesquisador/visitante frente a frente a uma condição que, a princípio, não comportaria a fixidez necessária à cultura. Aqui se tem a questão que orienta a discussão do livro de James Clifford.

*Since the generations of Malinowski and Mead, professional ethnography has been based on intensive dwelling, albeit temporary, in delimited ‘fields’. But in Ghosh’s account, fieldwork is less a matter of localized dwelling and more a series of travel encounters. Everyone’s on the move, and has been for centuries: dwelling-in-travel.*<sup>2</sup> (CLIFFORD, 1997: p. 2)

Para se compreender a discussão proposta por Clifford, é preciso considerar aspectos relativos ao trabalho de campo na prática etnográfica. Esse tipo de prática funda-se na delimitação de um espaço e de um tempo que aparece identificada à própria noção de cultura. No ofício do etnógrafo, inclui-se a habitação, a permanência por um período assim como algum conhecimento da língua local, instituindo uma casa longe de casa. O antropólogo diferencia-se do viajante que está de passagem ao se estabelecer como um habitante. Destaca-se, assim, uma clara tendência à habitação em detrimento da viagem: “*I’ve been arguing that ethnography (in the normative practices of twentieth-century anthropology) has privileged relations of dwelling over relations of travel*”<sup>3</sup> (CLIFFORD, 1997: p. 22)

A significativa delimitação proposta pelo trabalho de campo implica, portanto, a prerrogativa da habitação sobre a viagem, visto que, ao mesmo tempo em que se tenta capturar, numa espécie de recorte, o que seria aquela cultura flagrada em suas relações de permanência, o próprio deslocamento do antropólogo até o local de sua investigação ganha pouca relevância em seus registros.

---

<sup>1</sup> O iman e o indiano.

<sup>2</sup> Desde as gerações de Malinowski e Mead, a etnografia profissional tem sido baseada na habitação intensiva, embora temporária, em ‘campos’ delimitados. Mas na avaliação de Ghosh, o trabalho de campo é menos uma questão de habitação localizada e mais uma série de encontros de viagem. Todos estão em movimento e por séculos: habitação em viagem.

<sup>3</sup> Tenho defendido que a etnografia (nas práticas normativas da antropologia do século XX) tem privilegiado as relações de permanência sobre as de viagem.

*Localizations of the anthropologist's objects of study in terms of a 'field' tend to marginalize or erase several blurred boundary areas, historical realities that slip out of the ethnographic frame. Here is a partial list. The means of transport is largely erased – the boat, the land rover, the mission airplane. These technologies suggest systematic prior and ongoing contacts and a commerce with exterior places and forces which are not part of the field/object. The discourse of ethnography ('being there') is separated from that of travel ('getting there').<sup>4</sup> (CLIFFORD, 1997: p. 23)*

As consequências desse tipo de abordagem incluem, sem dúvida, a associação necessária entre algum grau de fixação – a habitação – e a cultura, recalcando as práticas de viagem como parte constitutiva da formação cultural. A consideração, portanto, da **localização humana** também no deslocamento compreende um eixo fundamental da discussão desenvolvida em *Routes*: “*The general topic, if it can be called one, is vast: a view of human location as constituted by displacement as much as by stasis*”<sup>5</sup> (CLIFFORD, 1997: p. 2).

Nesse sentido, a dicotomia *traveling/dwelling* (viagem/habitação), em que se entende a viagem muitas vezes como mero complemento da habitação, de modo que as raízes (*roots*) precedem necessariamente as rotas (*routes*), é desconstruída a favor de uma relação de *traveling-in-dwelling* e *dwelling-in-traveling*. Diante disso: “*Practices of displacement might emerge as constitutive of cultural meanings rather than as their simple transfer or extension*”<sup>6</sup> (CLIFFORD, 1997: p. 3).

Assim, a noção de **localização humana** está atrelada à compreensão da necessidade de que se levem em conta os fatores dinamicamente colocados dentro de uma perspectiva histórica, ou seja, “*Thinking historically is a process of locating oneself in space and in time. And a location, in the perspective of this book, is an itinerary rather than a bounded site – a series of encounters and translations*”<sup>7</sup> (CLIFFORD, 1997: p. 11).<sup>ii</sup>

Na contramão de um sentido ‘natural’ ou ‘orgânico’ conferido à cultura, segundo o qual se trataria de um corpo enraizado, propõe-se a consideração de “*Constructed and disputed historicities, sites of displacement, interference, and interaction, come more sharply into view*”<sup>8</sup> (CLIFFORD, 1997: p. 25). Há, por conseguinte, um caráter evidentemente processual que, de certa maneira, busca atender à demanda de novas estratégias de representação que deem conta da realidade contemporânea.

### 3 Quimeras: híbridos ou sujeitos *in history*

Em sua leitura sobre o filme *Joe Leahy's Neighbors*<sup>9</sup> (1989), de Bob Conolly e Robin Anderson, Clifford observa como o protagonista, Joe Leahy, “um produto colonial mestiço” e um empresário bem sucedido, tem suas viagens para destinos como Austrália focadas junto às relações

<sup>4</sup> Localizações dos objetos de estudo dos antropólogos em termos de um ‘campo’ tendem a marginalizar ou apagar várias áreas borradas de fronteira, realidades históricas que escapam da moldura etnográfica. Aqui está uma lista parcial. Os meios de transporte são amplamente apagados – o barco, o land rover, o avião. Essas tecnologias sugerem contatos sistemáticos e contínuos e comércio com lugares e forças exteriores que não são parte do campo/objeto. O discurso da etnografia (estar lá) é separado daquele da viagem (‘chegar lá’).

<sup>5</sup> O tópico geral, se pode ser chamado assim, é vasto: uma visão da localização humana como constituída tanto de deslocamento quanto de estase.

<sup>6</sup> Práticas de deslocamento poderiam emergir como **constitutivas** dos significados culturais mais que sua simples transferência ou extensão

<sup>7</sup> Pensar historicamente é um processo de localizar-se no espaço e no tempo. E uma localização, na perspectiva deste livro, é um itinerário mais que um lugar delimitado – uma série de encontros e traduções

<sup>8</sup> Historicidades construídas e disputadas, lugares de deslocamento, interferência e interação.

<sup>9</sup> Os vizinhos de Joe Leahy.

ambíguas que mantêm com os habitantes locais, seus parentes. Ora o empresário parece estar explorando seus ‘vizinhos’, que se ressentem de sua riqueza, ora parece um individualista descontrolado, e em outras ocasiões ele distribui presentes, agindo como um grande homem dentro da economia tradicional:

*Joe Leahy seems to move in and out of a recognizably Melanesian culture. This sort of focus simply could not have been entertained by Malinowski. Here, not only is the ‘native’ a traveler in the world system, but the focus is on an atypical character, a person out of place but not enterily – a person in history. (...) Watching Connolly and Anderson’s film, we remain uncertain whether Joe Leahy is a Melanesian capitalist or a capitalist Melanesian – a new kind of big man (...). He is and is not of the local culture.*<sup>10</sup> (CLIFFORD, 1997: p. 26-27)

Uma pessoa ‘*in history*’, em deslocamento. Aqui entra a questão do hibridismo diretamente associado ao *traveling-in-dwelling* e *dwelling-in-traveling*. Ferindo a lógica do isto ou aquilo, a condição híbrida e errante estaria de acordo com uma “índole processual”, para usar expressão empregada por Heidrun K. Olinto. Nos sistemas binários, ainda segundo a autora, há uma relação de exclusão em que um dos pares conceituais se torna totalizante e o outro invisível (OLINTO, 2010).

Nessa chave, parece especialmente interessante a imagem da *quimera* proposta no romance *O filho da mãe* (2010), de Bernardo Carvalho. Na narrativa, a organização familiar sustentada na figura paterna é atravessada pela guerra, pelo exílio e o abandono. O pai não mais se faz presente, porque morto ou distante, mas se está não é capaz de oferecer uma orientação ordenada e controlada de família. O que há são jovens perdidos, vitimados por algum tipo de abandono e pela guerra, de um lado, e mães, de outro. Mulheres que tentam a defesa desses homens. A perspectiva proposta que encaminha a discussão filial pelos laços maternos se contrapõe às relações normalmente construídas entre pai e origem. O percurso das personagens assim como o desenho da narrativa apontam para diversos caminhos que não necessariamente levam a um outro lugar que não seja aquele mesmo em que sempre se estivera. Essa imagem está claramente posta na descrição feita por um personagem da cidade de São Petersburgo: “É a mais artificial de todas as cidades. Em três séculos, tentaram três nomes, em vão. Um nome por século. Construíram trezentas pontes, uma para cada ano, mas nenhuma leva a lugar nenhum. Ninguém nunca via sair daqui.” (CARVALHO, 2010: p. 22). Os deslocamentos também são forma de habitação, porque no movimento está-se habitando.

Por outro lado, o movimento instituído na narrativa recupera acontecimentos anteriores, mas não para se organizar um *flashback* linear. Na realidade, as retomadas são feitas em partes que se encaminham progressivamente para um ponto mais distante do passado, articulando entre si um passado do passado. O ponto almejado, alcançado apenas após uma série de articulações de momentos, é tratado como nevrálgico no desenrolar dos acontecimentos. Por exemplo, o capítulo 2 começa quando Zainap, uma avó que (como outras mulheres na narrativa) tenta salvar seu neto Ruslan da guerra, num campo de refugiados, decide enviar o rapaz à cidade de Petersburgo. No trecho seguinte, o leitor é levado para o momento em que ela havia decidido partir para o campo de refugiados, ou seja, um momento anterior à sua decisão de enviar o neto; no terceiro trecho do capítulo, ainda em casa, antes de a avó optar pelo campo de refugiados, Ruslan é preso e torturado, acontecimento que deflagra a decisão da Zainap; no quarto trecho, é relatada a morte de seu filho, pai de Ruslan, e assim por diante... E assim segue de forma a compor uma estrutura em que partes

---

<sup>10</sup> Joe Leahy parece mover-se para dentro e fora de uma cultura melanésia reconhecível. Esse tipo de enfoque simplesmente não poderia ter sido acolhido por Malinowski, aqui, não apenas é o ‘nativo’ um viajante no sistema mundial, mas o foco está sobre um personagem atípico, uma pessoa fora do lugar, mas não inteiramente – uma pessoa **em história**. (...) Assistindo ao filme de Connolly e de Anderson, nós permanecemos incertos se Joe Leahy é um capitalista melanésiano ou um melanésiano capitalista – um novo tipo de grande homem, (...). Ele é e não é da cultura local.

do passado articulam-se entre si encaminhando o leitor para um ponto mais remoto de forma fragmentária, não linear.

Os recuos no tempo, entretanto, vêm associados às mudanças de perspectivas, uma vez que episódios ocorridos aparecem relatados pelo ponto-de-vista de mais de um personagem. Além disso, na narrativa, as decorrências de um evento são antecipadas e já se pode saber no ‘imediato’ do acontecimento que virá depois. Não será, portanto, necessário acompanhar o desenrolar da narrativa no sentido de um tempo que avança. O significado do evento, dimensionado pelas suas consequências está ali no presente da narrativa. Dessa forma, o escritor busca multiplicar as direções do tempo de forma semelhante como aparecem multiplicadas no espaço.

No romance, muitas questões contemporâneas são problematizadas, mas, sem dúvida, os deslocamentos desempenham papel importante. Retomando a personagem de Zainap, sob sua óptica, a viagem vem diretamente associada à violência e à perda. Deseja, sobretudo, a casa, como espaço de pertencimento e fixação; pois, em sua experiência, o deslocamento foi fundamentalmente uma condenação.

A única vez que abandonara Grózní, ainda jovem e à força, perdera tudo. Nunca reviu os pais e os irmãos. E passou a associar a partida à perda e aos desencontros. Por isso, demorou a se convencer de que mais cedo ou mais tarde não sobrariam homens a sua volta e que era essa a missão do exército russo. (...) Não suportava a ideia de abandonar sua casa, desde que fora forçada ao exílio, em 1944, quando ainda era jovem e tinha a vida pela frente. (CARVALHO, 2010: p. 29)

A experiência das guerras, em pontos especialmente conflituosos como a Tchetchênia, impõe movimentos. A perda das relações de pertencimento vem pautada, fundamentalmente, pela perda das relações familiares e afetivas. O exílio não é simplesmente o afastamento da terra natal, mas o veto à participação de toda uma rede de relações interpessoais. A viagem, por esse viés, é o desencontro, na medida em que não se cumpre o paradigma diaspórico de uma população que se dispersa e, contudo, mantém uma rede de ligações que lhe permite a manutenção de uma identidade e participação dentro de sua comunidade de origem.

Porém, há encontros, como o de Andrei, o jovem recruta filho de um pai brasileiro com uma mulher russa, e Ruslan. O encontro amoroso em meio às ruínas representa a possibilidade precária da experiência afetiva em meio à violência das guerras e da xenofobia. Por isso, Andrei intui: “em meio ao que resta do mundo perdido à sua volta, compartilha a memória afetiva do homem ao seu lado. E que assim está menos só.” (CARVALHO, 2010: p. 139).

Desse modo, em um mundo sem “pai”, as relações são dadas pelos pares: um mundo de famílias fundadas nas mulheres, de irmãos, de amor entre iguais – “O ladrão olha para o recruta. Está com um corte na testa, do lado oposto ao da cicatriz na testa de Andrei, de modo que, agora, quando estão um na frente do outro, são como espelho” (CARVALHO, 2010: p. 141). Duplos<sup>iii</sup> projetados apontam para a formação da *quimera*, como Ruslan esclarece na história que deixa escrita em um pedaço de papel:

Quando eu era pequeno, viajando pelas montanhas com o meu pai, para conhecer a terra dos seus antepassados, passamos por uma casa onde havia nascido um animal que era dois sem ser nenhum. Uma égua dera à luz um potro no qual estavam misturados dois embriões. A isso chamaram quimera, como depois eu ia aprender na faculdade. (CARVALHO, 2010: p. 160)

O animal assim nascido era visto como mau-agouro, uma monstruosidade que comprometia a natureza da reprodução. Por isso, ele deveria ser eliminado. Em seu texto, continua Ruslan: “Nas montanhas, todo homem tem um *kunak*, um amigo estrangeiro que o salvará da morte e que ele também tem a obrigação de salvar. Nenhum homem será completo enquanto não encontrar o seu *kunak*” (CARVALHO, 2010: p. 161). A relação em duplo estabelecida pelos dois personagens

deslocados aponta para sua constituição *quimérica*, dois que são um ou nenhum. São monstruosidades que precisam ser eliminadas. São *quimeras* constituídas por encontros e traduções processados desses personagens *in history* que se esbarraram nas ruas escuras da cidade: um, filho de um pai tchetchênio e de uma mãe russa que o havia abandonado, casado de novo com um agente russo e tido dois outros meninos, dos quais o mais velho envolvera-se com grupos racistas; o outro, filho de uma russa com um brasileiro que havia vivido na Rússia em exílio político e que deixara a mulher e a criança para retornar ao Brasil, onde se tornara um contrabandista de espécimes da Amazônia. São múltiplos os movimentos, são múltiplas as relações.

Por outro lado, frente à eliminação dos homens, resta uma sociedade de mulheres e a elas cabe salvar os descendentes, ou ao menos tentar. Daí o sacrifício de Zainap: partira para o campo de refugiados porque era premente que salvasse seu neto. A condição de trânsito, em deslocamentos por fronteiras, em diásporas e exílios, vem tensionada pelas relações afetivo-familiares. Um mundo de mulheres solitárias, que ora se encarregam sozinhas de seus filhos ora perdem suas crianças. Essa, porém, também é a chave do filme *Incêndios* (*Incendies*, 2010), do diretor Denis Villeneuve, em que irmãos gêmeos, após a morte da mãe, encarnam a *quimera*, em que dois são um.

O filme, baseado em uma peça de teatro, tem como ponto de partida a morte de Nawal Marwan, imigrante estabelecida no Canadá, que, em testamento, requer que seus filhos Jeanne e Simon entreguem duas cartas, respectivamente ao pai, tido até ali como o morto, e ao irmão, que eles desconheciam existir. A partir daí a busca por respostas é intercalada pela retomada de episódios passados que recontam a trajetória da mãe. Encontrar o pai/irmão implicava conhecer a trajetória da mãe que viera de um país do Oriente Médio, ainda que os gêmeos tenham sido criados no Canadá. As revelações sobre o passado materno terminam por lançar luz sobre as origens até então desconhecidas dos irmãos.

Os gêmeos descobrem que o filho perdido da mãe era, por sua vez, o torturador que a violentara na prisão. Os dois, pai e irmão, são um. Nesse jogo matemático, um mais um é igual a um. Uma *quimera*. As condições múltiplas, híbridas, nos encontros operados em trânsito saem de forma contundente dos paradigmas hierárquicos da sociedade masculina patriarcal.

Quando jovem, Nawal, que pertencia a uma comunidade cristã, se apaixona por um mulçumano e engravida, tenta fugir com o homem que amava, mas é impedida pelo irmão que mata o pai de seu filho. Condenada em sua comunidade, ela tem secretamente o filho; no entanto, após o nascimento, ele é marcado no calcanhar e enviado para um orfanato. Nawal segue para a cidade, vai estudar com a promessa de ter condições para um dia retornar e recuperar seu filho. Mas a guerra explode no país, um forte movimento migratório se desenha na sua região natal: a população busca desesperadamente fugir dos conflitos caracterizados por massacres de ambos os lados. Cristã, ela se passa por mulçumana para atravessar o país e voltar ao seu lugar de origem na tentativa de salvar o filho. Contradiz o fluxo da multidão que foge. Mas, ironicamente, é salva de um massacre ao ser reconhecida como cristã. Contudo, quando finalmente chega ao seu destino, o orfanato está em ruínas e não há sinais do menino. Desolada e desorientada, filia-se a um grupo terrorista e, responsável por um atentado, é presa.

A situação em que se vê, muitos anos mais tarde, quando no Canadá, reencontra seu torturador mas reconhece na marca do calcanhar o filho, permite-lhe ver que a pessoa que mais amava também era a que mais odiava. Assim como, ao encontrarem o pai, Simon e Jeanne, filhos-da-mãe, descobrem o irmão. Não há a designação de uma terceira instância como alternativa, mas o investimento no múltiplo, porque também um são dois. Isso, de alguma maneira, se traduz na multiplicação de relações possíveis, dos pontos-de-vista em que se constroem os relatos e da própria forma como a narrativa é encaminhada seja no romance de Bernardo Carvalho seja no filme de Villeneuve. Múltiplos caminhos, talvez como as 300 pontes de São Petersburgo que não levam a lugar algum. Narrativa em trânsito que se reveste da dimensão trágica que a errância, enquanto “localização humana”, traduz em sua direta relação com a guerra, o terrorismo e a intolerância.

## Referências Bibliográficas

- 1] CARVALHO, Bernardo. *O filho da mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- 2] CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late twentieth century*. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 1997.
- 3] DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé; CHIARELLI, Stefania (org.). *Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.
- 4] KAPLAN, Caren. *Questions of travel: postmodern discourses of displacement*. Durhan, London: Duke University Press, 1996.
- 5] OLINTO, Heidrun Krieger. Construção identitária na ótica da transdiferença. In: LOPES, L. P. da M.; BASTOS, L. C. (org.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 25 -48
- 6] ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- 7] RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.
- 8] SCHOLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

---

i **Claudete DAFLON, Profa. Dra.**

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas  
[claudetedaflon@id.uff.br](mailto:claudetedaflon@id.uff.br)

- ii A preocupação com a historicidade nas discussões sobre a viagem tem importantes implicações. Caren Kaplan, em *Questions of travel* (Questões de viagem), de 1996, observou a existência da tendência a se tratar a viagem como uma questão individual, de modo que o deslocamento é expresso em “termos mais singulares que coletivos, como situações puramente estéticas e psicológicas mais do que como um resultado de circunstâncias históricas” (KAPLAN, 1996: p. 4). Dessa forma, não se consideram os aspectos históricos e tende-se, por conta disso, a uma universalização das práticas, relacionadas por sua vez à visão colonial.
- iii A questão do duplo e o tema do estrangeiro são caros à escrita de Bernardo Carvalho, como já havia observado a crítica literária Beatriz Resende. (RESENDE, 2008)